

## Narrativa de Formação

### Narrative of education

**Marcela Nascimento Peters**<sup>1</sup>

*Secretaria Municipal de Educação de Juiz de Fora*

## RESUMO

Charles Dickens, um ilustre autor britânico, uma vez disse que “as coisas mais bonitas do mundo são sombras”. A esse pensamento, podemos atribuir diversos significados. Quando falamos sobre Narrativas na Formação de Professores, podemos traduzir para todas aquelas frases, momentos, trocas e passos que pensamos ser invisíveis e que apenas tomamos consciência sobre sua existência quando o processo de rememoração acontece. Somos, frequentemente e para sempre, formados por dimensões pessoais esquecidas no montante do dia a dia profissional e acadêmico, mas que lutam para ganhar vida, e merecem espaço. A experiência, aquilo que nos passa, é chave para a nossa formação humana e profissional.

**Palavras-chave:** Pesquisa Narrativa; Formação docente; Experiência Educativa.

## ABSTRACT

Charles Dickens, a renowned British author, once said that "The loveliest things in life are but shadows." We can attribute various meanings to this thought. When we address Narratives in Teacher Education, we can translate it to all those phrases, moments, exchanges, and steps that we think are invisible and whose existence we only become aware of when the process of remembering takes place. We are, frequently and constantly, shaped by personal dimensions forgotten in the midst of daily professional and academic life, but which struggle to come to life, and deserve that space. Experience, what passes through us, is key to our human and professional development.

**Keywords:** Narrative Research; Teacher training; Educational Experience.

*“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (Bondía Larrosa, 2002, p. 21)*

Apresento-me como Marcela Nascimento Peters, juizforana, Mineira, Brasileira. Atualmente graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora, tendo concluído o curso em agosto de 2023, minha jornada na direção de onde me encontro profissionalmente e academicamente não começa com aquele dia, em 2019, quando ingressei no meu primeiro período na Faculdade de Educação. Reconheço esse processo como uma caminhada tortuosa,

---

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Técnica na Secretaria Municipal de Educação de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3019787706108658>. E-mail: [marcelapetersn@gmail.com](mailto:marcelapetersn@gmail.com).

longa e que se estabeleceu ali, no dia 10 de janeiro de 2001, quando eu nascia em uma família de professoras.

Acho que não haveria como iniciar uma rememoração dos processos que me carregaram até aqui sem começar por isso, afinal, não existiria meu amor por educação se não tivesse passado por aqueles primeiros anos de minha vida onde me sentava com minhas tias e explorava a vida através de livros, números e texturas. Na verdade, é uma das minhas memórias mais queridas. Quando me sentava entre as pernas de uma de minhas tias e liamos por horas e horas, com um copo de refrigerante e uma bacia de pipoca. Eu era, de fato, muito nova. As memórias, entretanto, ainda são frescas e ainda possuem o mesmo jeito de livros antigos pegos na biblioteca da escola em que minha tia dava aula. Ainda sinto a textura nos meus dedos das páginas sendo passadas. Foi assim que aprendia a ler. Entre quatro e cinco anos, antes mesmo de ser formalmente alfabetizada no ambiente escolar. Fui inserida na creche aos 8 meses de idade, mas foi aos 4 anos que entrei na Escola Municipal Tia Glorinha, onde minha tia viria a dividir seu papel de tia também com o de professora. Era extremamente difícil não a chamar de tia. Foi ela, nesse processo, que me ensinou a separar o papel de tia e de professora. Nunca mais esqueci, e também não poderia. Anos mais tarde, escolheria seguir o mesmo rumo que ela, me embrenhando na pedagogia como alguém que busca entender o mundo com a palma da mão. Quando as leituras vieram junto com a compreensão da docência como uma profissão que exige a prática política, formativa, reflexiva e comprometida, essa diferenciação, como muito bem exaurida por Paulo Freire em “Professora, sim; tia, não” de 1993, estabeleceu-se em meu pensamento profissional o valor ético e pedagógico do professor e sua figura.

Os anos que passei nessa escola de educação infantil foram os melhores. As atividades praticas com massinha, papel crepom, passeios escolares até o circo e o aeroporto da cidade, teatros que fui “obrigada” a participar. Tudo isso ainda é claro. Tenho fotos, é claro, mas me lembro perfeitamente do tom azul do uniforme, como parte de um processo de rememoração importante para a minha constituição pessoal, afinal, a rememoração permite que dimensões pessoais esquecidas possam ser recuperadas e situadas no tempo.” (Souza e Cabral, 2015, pg. 150)

Não consigo me recordar ao certo da sensação do fim, ou do recomeço, nesse caso. Quando terminei a Educação Infantil, eu já sabia que deveria trocar de escola. Meus pais tentaram me garantir que as coisas ainda seriam legais, afinal, minha avó trabalhava na escola

para qual iria. A mudança não foi alarmante. Alguns dias antes do primeiro dia de aula, ganhei um tênis preto. *Eu odiava tênis. E odiava preto.* Foi uma luta para me fazer usá-lo quando atrás de mim vinha uma bolsa de rodinhas da Moranguinho. Me comprometi que usaria, de qualquer forma. Minha mãe me levou no primeiro dia, mesmo que fosse meu pai o responsável por me levar todos os dias nos anos que viriam. Ela me segurou contra a barriga dela enquanto esperávamos a organização dos alunos na quadra (naquela época, ainda cantávamos o hino antes de entrar em sala). Minha mãe tinha cheiro de casa e lembro-me de querer desesperadamente voltar e ficar lá. Sem ter que recomeçar.

**Figura 1:** minhas fotos de criança



**Fonte:** arquivo pessoal.

Eu não chorei. Na verdade, nunca chorei na escola. Nem para entrar, nem para sair. Nem quando algo acontecia. Nessa nova escola (Escola Municipal Antonio Carlos Fagundes), aflorei-me em vários sentidos. O que mais viria a me caracterizar para os professores era a

quietude e a capacidade de fazer as atividades propostas sem grandes dificuldades. Foi assim por todo o ensino fundamental, salvo alguns momentos onde parecia bater em algumas paredes invisíveis e me frustrava por isso. Eu havia me acostumado tanto a ser “boa” e eficiente, que sempre que algo ia contra isso, a queda era mais dolorosa do que seria se tivesse caído com mais frequência. Logo ali, sabia que viria a ter de trabalhar isso. Colocar em minha cabeça que não conseguimos ser bons em tudo. Na verdade, dificilmente seremos bons em tudo. Um fato que hoje em dia tenho facilidade em entender apesar de ainda me frustrar, mas naquela época, isso veio na forma de tabuada de multiplicação a ser decorada no quinto ano, depois em equações matemáticas no sexto. Apesar do desânimo e cansaço, sabia que enquanto me martirizava com as questões matemáticas, poderia ir para a escola tendo a certeza de que teríamos ao menos algum momento para ler livros e trabalhar com ciências.

No limiar dos meus anos no Ensino Fundamental, fui também inserida em um curso de língua estrangeira particular, gentilmente pago e oferecido por uma outra tia que, vendo a importância de saber uma segunda língua, decidiu me dar a oportunidade de estudar. Lembro-me que comecei o inglês básico na Cultura Inglesa aos 8 anos de idade, em 2009. Minha história com o bilinguismo se iniciou ali, mesclando-se com a educação básica, desde então. Essa segunda parte de minha trajetória educacional me seguiu até o primeiro ano da faculdade. Todos esses anos foram marcados por momentos em que precisei me redescobrir, amadurecer (dentro do que cabia para uma criança da minha idade) e tentar crescer. Já no nono ano, haviam muitas expectativas. O Ensino Médio estava à porta. Cursos técnicos poderiam ser feitos. Eu faria o Pism<sup>2</sup>? Apenas o Enem?

No ano de 2015 fui matriculada na Escola Estadual Clorindo Burnier, onde minhas convicções sobre o futuro foram estabelecidas graças às influências profissionais e pedagógicas. Inicialmente, graças a um professor de literatura, pensei em cursar Letras e Inglês, aproveitando a importância ímpar que a língua a esse ponto já tinha em minha vida. Os três anos do Ensino Médio foram marcados por uma pacificidade que talvez nem todos tenham tido durante essa fase da adolescência. Sempre fui uma pessoa quieta. Eu estudava mais do que me divertia, mas nos momentos em que resguardava para fazer algo que gostava, acabava na frente do computador escrevendo palavras que nunca viram o sol, sobre interesses aleatórios que hoje

---

<sup>2</sup> O Programa de Ingresso Seletivo Misto (PISM) é um processo de avaliação seriada, em que os candidatos às vagas oferecidas pela UFJF.

em dia nem me recordo mais. Mas o que sei é que essa característica, já lá atrás, parecia se ligar aos comportamentos que me levaram até à Pesquisa em Educação. Não existia decisão tomada até que, no final do terceiro ano, em 2018, compreendi ao dar aulas particulares de inglês, que minha paixão era a educação em geral. No mesmo ano realizei o Exame Nacional do Ensino Médio, aplicando para Pedagogia, e no ano de 2019 estava entrando na turma diurna da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde ainda mais do meu trajeto seria traçado.

Meu primeiro dia foi, então, caótico. Uma parte de mim ainda estava revoltada que o Ensino Médio e a “vida fácil” tinham acabado. Não fui no primeiro dia oficial, mas no segundo, tive aquele gosto amargo na boca de que dali em diante, nada seria igual. Voltei para casa com o rosto todo sujo de tinta do “trote” e dali em diante, cada segundo foi uma briga gigantesca para conhecer o mundo fora das paredes da escola e da minha casa sem entrar em síncope. Fiz amizades logo no primeiro seminário daquele semestre que, surpreendentemente, duram até hoje. Unidas pelo desespero, permanecemos pela sinergia. Todo meu primeiro ano cursando Pedagogia teve de ser balanceado com as aulas pela manhã e eletivas a tarde e, ainda, as aulas do curso de inglês no qual me mantive até o final de 2019, completando um ano nessa jornada entre faculdade, curso e aulas particulares. Creio que tudo isso tenha me motivado ainda mais a ligar minha história com o meu próprio bilinguismo na minha relação com meus estudos na faculdade, que culminaram no tema proposto para o meu TCC, iniciado ainda durante a pandemia do Covid-19.



**Figura 2:** fotos minhas



**Fonte:** arquivo pessoal.

Acho que essa é uma questão que não vai me deixar nunca. O fato de que minha graduação foi atravessada por uma pandemia mundial, até hoje, insere marcas muitas vezes ignoradas pelos estudos que olham para os impactos desse momento histórico quando falamos da formação inicial. Elas não são visíveis, é claro, mas estão ali, abaixo da pele, onde apenas o pensamento consegue alcançar sempre que é necessário pensar de forma mais sensível a atuação profissional, educacional, pedagógica. Afinal, existiu uma vulnerabilidade ímpar daquele momento. A Marcela que existe depois disso nunca seria a mesma caso a pandemia não tivesse acontecido. Não há como ser grata por ela, é claro. Apenas suavemente consciente das fluências do meu próprio estado mental. Essa tomada da vida pelas experiências, que anteriormente não poderiam ser vistas como tal por uma dificuldade efêmera de parar e pensar sobre o que me passou, é o que transformou cada momento da minha vida como uma construção tijolo-por-tijolo do que me tornaria. Como Bondía Larrosa diz, é ela – a Experiência – um componente fundamental da formação.

Durante a pandemia também estive envolvida em ações de extensão e diversos cursos online para me preparar para a atuação pedagógica. Foi um pouco depois de seu fim em dezembro de 2021 que participei do processo seletivo para Treinamento Profissional “Literatura de Papelão: a Construção de Livros Ecológicos com Alunos-escretores dos Terceiros Anos do Ensino Fundamental”, realizado por um semestre no Colégio de Aplicação João XXIII, onde tive contato principalmente com alunos dos terceiros anos do Ensino Fundamental. Até aquele momento, onde a maior parte dos Estágios da minha turma tinham sido realizados na modalidade on-line, essa tinha sido a minha primeira experiência em sala de aula, o que acabou por me preparar imensamente para a atuação pedagógica. Foi ali que entendi que não existe modo propício para se preparar além da prática. Cada aluno é único e isso, naquela época, me assustava. Como ser autor em uma educação democrática, pública e de qualidade de uma forma gentil, justa e que valorizasse cada indivíduo? Nunca me conformei apenas com as teorias. Até hoje é um traço da minha atuação acadêmica.

Em setembro de 2022, fui contratada como estagiária pela Secretaria de Educação de Juiz de Fora, sendo encaminhada para o Setor de Medicação e Acompanhamento ao Educando dentro do Departamento de Inclusão e Acompanhamento ao Educando. Permaneci lá até o fim da faculdade, balanceando a imensidão de aprendizados da realidade educacional do nosso município com os estudos e a finalização do meu TCC. Essa foi (e é) sem dúvidas a parte mais sensível, real e importante da minha trajetória. O DIAE, em seu cerne, era exatamente a prática do que as teorias tanto me incomodavam. Se eu pudesse ver com meus próprios olhos a Educação funcionando por debaixo dos panos, naquele lugar onde as políticas públicas e seus agentes habitam, então talvez eu pudesse compreender mais sobre tudo. Já adiante que minhas expectativas foram sim alcançadas, mas isso não impediu que mais questões e inquietações surgissem.

Foi dentro da Secretaria, também, que tive meu primeiro contato com uma família Venezuelana que, ao se encaminhar ao atendimento para solucionar uma questão com seu filho na escola, encontrou barreiras linguísticas e culturais que evocaram uma sensibilidade social e pedagógica extra de quem estava envolvido com o atendimento (nessa época, acompanhava a equipe técnica em atendimentos e presenciei todo o desenrolar). Essa ocasião aconteceu durante a escrita do meu TCC e, mesmo que não tivesse ainda conversado com a ideia de levar a discussão do bilinguismo para a realidade palpável e gritante das famílias imigrantes e

refugiadas, ela veio naturalmente quando minha orientadora, a Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ana Rosa Costa Picanço Moreira, convidou o Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes para fazer parte da banca do meu trabalho. A conversa naquela tarde de agosto foi calorosa e, mesmo com os nervos por todos os lugares daquela sala (que coincidentemente é a mesma sala em que atualmente temos aula da disciplina à qual escrevo isso), me elevou a um estado onde a necessidade de continuar superou todas as dúvidas que antes tinha sobre realmente permanecer na academia. No mesmo dia, fui convidada a criar um resumo para o *I Colóquio Internacional de Infancias Migrantes*, organizado pelo Professor, onde apresentei junto com a Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ana Rosa Costa Picanço Moreira (professora associada da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora e professora efetiva do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública – PPGP/UFJF) uma adaptação do meu Trabalho de Conclusão de Curso para o tema em pauta, sendo este trabalho intitulado *Bilinguismo Infantil: por que é importante entender o fenômeno ao falar sobre infâncias migrantes*, onde o rumo de uma futura pesquisa começava a ser proposta.

A minha ideia inicial era continuar com esse mesmo tema e aplica-lo como projeto para o mestrado. Bem...inicialmente foi isso, mas não existe garantia nenhuma de que aquela ideia inicial será a que vai te acompanhar até o final de sua pesquisa. O processo seletivo foi deveras fácil. Creio que, assim como tudo o que faço desde o Ensino Médio, minha cabeça não estava muito ali. Em algum ponto da minha vida, parei de ter muitas esperanças e sempre esperar o mínimo, mesmo dando meu máximo. Isso significa que achei o processo seletivo tão tranquilo (porque minha mente estava tranquila) que sequer acreditava que seria aprovada. Então veio uma nota atrás da outra. No fim, quando vi meu nome ali, também não acreditei. Apesar de ter direcionado meu projeto para o Professor Jader, ele e o Professor Rafael Gonzalez Gonzalez, que viria a ser meu orientador, acharam que trabalharíamos melhor no tema. Durante todo o período de aplicação para o mestrado, retornei também para a Secretaria de Educação de Juiz de Fora, dessa vez como técnica do Setor de Mediação e Acompanhamento ao Educando. Soube, ali, que aquela experiência já intensa de 2022 se tornaria uma questão diária como servidora da Rede Municipal de Educação que hoje atende diversos estudantes imigrantes e/ou refugiados e suas famílias.

Quando fui aceita como orientanda do professor Rafael Alberto Gonzalez Gonzalez, um migrante/refugiado venezuelano, já imaginava que o processo formativo que passaria com sua



orientação faria com que o projeto inicial tomasse rumos amplos. E realmente, isso se comprovou na prática. Já no primeiro semestre do mestrado, meu orientador propôs que participasse de sua disciplina eletiva, onde ele colocou em pauta diversas discussões atuais e pertinentes sobre o fenômeno do deslocamento humano forçado. Essa disciplina foi, de forma nada exagerada, uma experiência de pesquisa e discussão valorosa. Além de conhecer pessoas no próprio município que estavam focando suas energias e capacidades para pesquisar e atuar com imigrantes e refugiados mostrou um novo horizonte que me garantiu: eu não estaria mais sozinha nessa jornada difícil e emocionante de tornar o olhar para o mais importante da nossa sociedade; o ser humano. Esse tema se tornou emergente para a minha vivência uma vez que, em um lugar de gestão municipal, não percebia traços pedagógicos claros que indicassem interesse e investimento (àquela época) que fossem voltados para a população imigrante na pós graduação e outras formas de formação continuada.

Conhecer novos paradigmas e entrar em contato com novas fontes de leitura sobre um assunto que antes me parecia velado por uma nuvem de ignorância pessoal, levaram aquele projeto inicial que se montou ao redor de uma ideia ambiciosa de observar o fenômeno linguístico, em algo ainda maior. Não foi fácil. Não é fácil. Todos os dias torno meu olhar para as páginas escritas e para o cursor do Word piscando a minha frente e me questiono se estou a fazer o certo. Se sou capaz. Se tenho o direito de estar inserida em um lugar que me coloca como alguém que deve ter o olhar sensível aos mínimos detalhes. Isso é uma questão que tanto me preocupa porque sei, mesmo de longe e com os olhos fechados, que a sensibilidade é algo que preciso me sensibilizar a ter. Todos os dias. Todas as horas. Talvez esse tenha sido o motivo pelo qual cheguei até a disciplina de Pesquisa Narrativa mesmo sem ter pensado em usá-la em meu próprio projeto...ainda. Existe algo, de novo, sensível em realizar uma pesquisa que dê ao participante a voz ativa de sua própria vida. Isso me faz pensar...quantos desses refugiados realmente tiveram a possibilidade de falar desde que aqui chegaram? Quantas vezes eles foram ouvidos? Eles foram ouvidos sequer uma vez? De qualquer maneira, hoje o projeto busca compreender, estudar e elencar as marcas da valorização da cultura materna dos que aqui chegam, bem como os processos interculturais que se estabelecem no âmbito educacional para essas crianças e adolescentes em deslocamento forçado.

Os fatores que me levaram a esse momento de minha constituição acadêmica foram muitos. Desde minha paixão pelo inglês e o interesse intrínseco de entender o cognitivo

humano, como o amor inigualável pela educação. Mas, se devo atrelar a algo a importância de me trazer até aqui, onde minha pesquisa para o mestrado se relaciona a garantia de direitos, a inclusão e a valorização sociocultural, é minha trajetória profissional. Desde a estagiária da Supervisão de Mediação e Acompanhamento ao Educando que sempre ouvia sobre a importância do acolhimento, até à Técnica desta mesma Supervisão, digo com toda certeza que não me interessaria tanto pelos pormenores políticos e sociais que englobam pessoas marginalizadas como hoje. Mas não é apenas isso, também. Quando olho para trás e vejo as fotos de todos os primeiros dias, me lembro de todas as vezes que li um livro entre as pernas de uma tia ou tive a respiração de minha mãe atrás de mim me ajudando em alguma tarefa, ou as vezes que meu pai me levou na garupa da bicicleta verde, quando minha avó me levava para casa, quando participava de algum teatro, quando organizava algum projeto, quando me colocava a frente da sala para falar sobre algum tema. Todos esses dias me criaram. Não existe metade da profissional e da pesquisadora em formação sem cada segundo vivenciado. Os bons, ou os ruins com notas que não achava justas, nervosismos pré-prova, resistência em ir a aula em alguns dias.

Além de formação profissional e acadêmica, o que busco produzir hoje, na pesquisa de mestrado ou na atuação profissional, faz parte de uma formação de humanidade porque, em uma crença pessoal, não existe educação sem o ato de ser humano. E, mais ainda, tenho certeza de que nada seria hoje, sem aqueles que fizeram ser possível me constituir ao redor da minha própria humanidade.

**Figura 3:** minhas lembranças



**Fonte:** arquivo pessoal.

*“A experiência histórica, política, cultural e social dos homens e das mulheres jamais pode se dar “virgem” do conflito entre ‘as forças que obstaculizam a busca da assunção de si por parte dos indivíduos e dos grupos e das forças que trabalham em favor daquela assunção. A formação docente que se julgue superior a essas “intrigas” não faz outra coisa senão trabalhar em favor dos obstáculos. A solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos arestosa, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância. A aprendizagem da assunção do sujeito é incompatível com treinamento pragmático ou com o elitismo autoritário dos que se pensam donos da verdade e do saber articulado.” (Freire, 1996, p. 19)*

## REFERÊNCIAS

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan./fev./mar./abr., 2002.

CUNHA, Maria I. Conta-me agora! As narrativas como alternativas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 23, n. 1-2, 1997.

DOMINGO, J. C. Relatos de experiência, em busca de um saber pedagógico. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 14 -30, jan./abr. 2016.

FREIRE, P. **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Paz & Terra, 2021.

OLIVEIRA, R. M. M. A. Narrativas: contribuições para a formação de professores, para as práticas pedagógicas e para a pesquisa em educação. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v. 20, n. 43, p. 289-305, maio/ago., 2011.

SOUSA, M. G. S.; CABRAL, C. L. O. **A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores**. Horizontes, v. 33, n. 2, p. 149 - 158, jul./dez, 2015.

## HISTÓRICO

**Submetido:** 10 de dezembro de 2025.

**Aprovado:** 15 de dezembro de 2025.

**Publicado:** 31 de dezembro de 2025.